

JOHN DEWEY, METODOLOGIAS ATIVAS E NATIVOS DIGITAIS: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E DESAFIOS GERACIONAIS DA EDUCAÇÃO NA ERA DIGITAL

Vanderléa Lopes Dias da Silva

<http://lattes.cnpq.br/5661362871841879>

<https://orcid.org/0009-0002-4684-4551>

E-mail: vanderegis7@gmail.com

Maria das Dores de Oliveira Gonçalves

<http://lattes.cnpq.br/3598024773104599>

<https://orcid.org/0009-0008-9165-525>

E-mail: maria.goncalves@aluno.facmais.edu.br

Solange Pereira Gomes

<http://lattes.cnpq.br/0225276002473921>

<https://orcid.org/0009-0006-7608-4169>

E-mail: solange.gomes@aluno.facmais.edu.br

Claudia Maria Silva França

<http://lattes.cnpq.br/0272994451663981>

<https://orcid.org/0009-0001-6340-098X>

E-mail: claudia_educ@hotmail.com

Lizandro Poletto

<http://lattes.cnpq.br/9835489541775959>

<https://orcid.org/0000-0002-2636-0165>

E-mail: lizandropoletto@facmais.edu.br

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N3>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N3-55>

RESUMO: O presente estudo analisa os fundamentos filosóficos da educação em John Dewey e sua relação com as metodologias ativas diante dos desafios impostos pelos nativos digitais na contemporaneidade. Desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, o trabalho estabelece um diálogo entre o pensamento de Dewey e autores como Paulo Freire, Lev Vygotsky, Jürgen Habermas, Marc Prensky e Zygmunt Bauman, evidenciando a atualidade da educação democrática, da aprendizagem baseada na experiência e da participação ativa dos estudantes. A pesquisa demonstra que as metodologias ativas constituem uma materialização contemporânea dos princípios de Dewey ao favorecerem autonomia, colaboração, reflexão crítica e protagonismo discente. Também discute os impactos da cultura digital e da modernidade líquida sobre os processos de ensino e aprendizagem, ressaltando as especificidades cognitivas e sociais das gerações digitais, especialmente da geração Alpha. Conclui-se que a integração entre inovação tecnológica, mediação pedagógica e formação cidadã representa um caminho promissor para enfrentar os desafios educacionais da era digital, fortalecendo uma educação democrática, crítica, significativa e socialmente comprometida com a formação integral dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: John Dewey. Metodologias ativas. Nativos digitais. Educação democrática. Aprendizagem significativa. Era digital.

**JOHN DEWEY, ACTIVE METHODOLOGIES, AND DIGITAL NATIVES:
PHILOSOPHICAL FOUNDATIONS AND GENERATIONAL CHALLENGES
OF EDUCATION IN THE DIGITAL AGE**

ABSTRACT: This study analyzes the philosophical foundations of education proposed by John Dewey and their relationship with active learning methodologies in addressing the educational challenges posed by digital natives in contemporary society. Developed through qualitative bibliographical research, the study establishes a dialogue between Dewey's educational philosophy and the contributions of Paulo Freire, Lev Vygotsky, Jürgen Habermas, Marc Prensky, and Zygmunt Bauman, highlighting the continuing relevance of democratic education, experiential learning, and students' active participation. The findings demonstrate that active methodologies represent a contemporary implementation of Dewey's educational principles by fostering autonomy, collaboration, critical reflection, and student protagonism. The research also examines the impacts of digital culture and liquid modernity on teaching and learning processes, emphasizing the cognitive and social characteristics of digital generations, particularly Generation Alpha. It concludes that integrating technological innovation, pedagogical mediation, and citizenship education constitutes a promising approach to addressing the educational demands of the digital era while promoting democratic, meaningful, critical, and socially committed educational practices aimed at the comprehensive development of learners.

KEYWORDS: John Dewey. Active learning methodologies. Digital natives. Democratic education. Meaningful learning. Digital era.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar os fundamentos filosóficos da educação em John Dewey e sua relação com as metodologias ativas na educação básica, considerando os desafios geracionais impostos pela presença de alunos nativos digitais. A proposta é compreender como a filosofia pragmatista de Dewey, centrada na experiência, na reflexão crítica e na educação democrática, pode oferecer respostas às demandas de uma geração que vive imersa em tecnologias e marcada pela fluidez da modernidade líquida.

A emergência dos nativos digitais, conforme descritos por Prensky (2001), evidencia uma geração que interage com o conhecimento de forma distinta, caracterizada pela rapidez, pela multiplicidade de estímulos e pela constante conectividade. Esse cenário, intensificado pela modernidade líquida analisada por Bauman (2000), desafia a

escola a repensar suas práticas pedagógicas e a buscar alternativas que promovam aprendizagens significativas e críticas. Nesse contexto, as metodologias ativas surgem como possibilidade de operacionalizar os princípios de Dewey.

Diante disso, a pergunta-problema que norteia essa pesquisa é: de que forma os fundamentos filosóficos de John Dewey podem orientar o uso das metodologias ativas para enfrentar os desafios educacionais impostos pela geração de alunos nativos digitais na era digital e líquida?

E para responder a essa pergunta este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico no qual busca-se fundamentação teóricas em autores que dialogam direta ou indiretamente com as perspectivas de Dewey e que, portanto, alicerçam a análise buscada nesse artigo.

Moran (2015) destaca que tais metodologias permitem integrar presencial e digital, favorecendo a autonomia e a colaboração, enquanto Vasconcellos (2002) reforça a importância de um currículo participativo e contextualizado, em consonância com a ideia de Dewey de currículo integrado.

A dimensão crítica da educação, presente em Dewey, é ampliada por Freire (1968), que entende o processo educativo como prática de liberdade e conscientização. Vygotsky (1934), por sua vez, contribui ao enfatizar a mediação social e cultural, fundamental para compreender o papel das tecnologias digitais como instrumentos de aprendizagem. Habermas (1981) acrescenta a perspectiva da ação comunicativa, evidenciando que a educação, especialmente em ambientes digitais colaborativos, deve promover diálogo e construção coletiva de sentido.

Assim, este estudo busca evidenciar que a filosofia educacional de Dewey, articulada às metodologias ativas e contextualizada pelos desafios geracionais da modernidade líquida, pode constituir um caminho para enfrentar as demandas da educação contemporânea, promovendo práticas que conciliem inovação tecnológica, reflexão crítica e formação cidadã.

JOHN DEWEY E OS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA

A compreensão dos fundamentos filosóficos da educação em John Dewey constitui elemento indispensável para analisar as transformações pedagógicas da contemporaneidade. Sua concepção de educação democrática, centrada na experiência, na participação e na formação cidadã, redefiniu o papel da escola e do processo de ensino-aprendizagem. Ao compreender a educação como prática social e instrumento de reconstrução da experiência humana, Dewey lançou as bases para uma pedagogia voltada à autonomia, ao pensamento crítico e à cooperação.

Neste capítulo, discutem-se os principais pressupostos de sua filosofia educacional e sua relevância para a construção de uma educação democrática capaz de responder aos desafios da sociedade contemporânea.

EDUCAÇÃO COMO EXPERIÊNCIA

John Dewey (1859 – 1952) é considerado um dos principais representantes da filosofia pragmatista aplicada à educação. Em sua obra clássica *Democracia e Educação de 1916*, o autor afirma que a educação não é uma mera preparação para a vida, mas constitui a essência da própria vida (Dewey, 1916). Essa concepção rompe com a visão tradicional de ensino como mera transmissão de conteúdos e coloca a experiência como eixo central da aprendizagem.

Para Dewey, o conhecimento não é algo estático, mas se constrói na interação entre sujeito e ambiente. O autor reforça a ideia de que uma verdadeira experiência educativa deve conectar passado e futuro dando norte ao presente (Dewey, 1976). Assim, a aprendizagem significativa ocorre quando o estudante participa ativamente de situações que lhe permitem experimentar, refletir e agir.

Para Biesta (2013), ao retomar Dewey, “a educação deve ser entendida como prática de comunicação e de interação, em que o sujeito se forma na relação com o mundo e com os outros” (Biesta, 2013, p. 25). Isso mostra como a noção de experiência em Dewey continua sendo referência para debates atuais sobre aprendizagem significativa

A perspectiva de Dewey aproxima-se de uma visão processual da educação, em que o aprender não se limita ao acúmulo de informações, mas envolve a capacidade de relacionar experiências, interpretar a realidade e agir sobre ela. Nesse sentido, a experiência torna-se o ponto de partida e de chegada da prática pedagógica, conferindo à educação um caráter dinâmico e transformador.

EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA E PARTICIPAÇÃO ATIVA

Outro aspecto fundamental do pensamento de Dewey é a concepção da escola como espaço de prática democrática. Para o autor, “a democracia deve ser concebida como um modo de vida associado, de experiência comunicada” (Dewey, 1916, p. 93). Isso significa que a democracia não se restringe a um sistema político, mas deve ser vivida cotidianamente, inclusive no ambiente escolar.

A educação democrática, nesse sentido, implica participação ativa, cooperação e responsabilidade coletiva. Dewey defendia que os estudantes deveriam ser envolvidos em processos de decisão e em atividades que estimulassem o senso de comunidade. A escola, portanto, não deveria apenas preparar para a vida social, mas ser, ela mesma, um espaço de vivência democrática.

Apple e Beane (1997) retomam essa ideia ao afirmar que “uma escola democrática é aquela em que os estudantes participam de decisões significativas sobre sua aprendizagem e sobre a vida escolar” (Apple; Beane, 1997, p. 12). Essa perspectiva dialoga diretamente com Dewey, reforçando que a participação ativa é condição para o desenvolvimento integral do indivíduo e para a formação cidadã crítica.

Essa perspectiva coloca a participação como condição para o desenvolvimento integral do indivíduo. Ao aprender a cooperar, dialogar e assumir responsabilidades, o estudante desenvolve competências que o habilitam a atuar criticamente na sociedade. A educação, assim, torna-se instrumento de formação cidadã, capaz de promover sujeitos conscientes e engajados.

CURRÍCULO INTEGRADO E APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Dewey também se destacou por sua crítica à fragmentação do currículo escolar. Para ele, o conhecimento não deveria ser compartimentado em disciplinas isoladas, mas integrado em torno de problemas e experiências reais dos estudantes. O autor afirma que “a educação deve ser organizada de modo a conectar o saber escolar com as necessidades da vida prática” (Dewey, 1916, p. 120).

Essa proposta de currículo integrado busca superar a dicotomia entre teoria e prática, permitindo que os conteúdos escolares tenham relevância para a vida cotidiana. Dewey (1938) reforça que a experiência é sempre o ponto de partida e o ponto de chegada da educação, indicando que o currículo deve ser construído a partir das vivências dos alunos e retornar a elas em forma de reflexão crítica.

Sacristán (2000) reconhecem essa contribuição ao afirmar que “o currículo deve ser entendido como prática cultural e social, não apenas como organização de conteúdos” (Sacristán, 2000, p. 45). Essa visão complementa Dewey ao destacar que a integração curricular favorece aprendizagens significativas e contribui para a formação de sujeitos críticos e participativos.

A aprendizagem significativa, nesse contexto, ocorre quando os estudantes conseguem relacionar os conteúdos escolares com suas próprias experiências e com os desafios da sociedade. O currículo integrado, portanto, não apenas favorece a compreensão mais profunda dos conhecimentos, mas também contribui para a formação de sujeitos críticos e participativos, preparados para lidar com a complexidade da vida contemporânea.

METODOLOGIAS ATIVAS COMO MATERIALIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA DOS PRINCÍPIOS DE DEWEY

As profundas transformações sociais, tecnológicas e culturais das últimas décadas têm exigido a reformulação das práticas pedagógicas tradicionais, impulsionando a adoção de metodologias que coloquem o estudante no centro do processo educativo. Nesse contexto, as metodologias ativas representam a concretização contemporânea dos

princípios filosóficos defendidos por John Dewey, especialmente aqueles relacionados à aprendizagem pela experiência, à investigação, à participação democrática e à construção coletiva do conhecimento.

Este capítulo analisa como essas metodologias atualizam o pensamento de Dewey, evidenciando sua contribuição para o desenvolvimento da autonomia, da reflexão crítica e do protagonismo discente em uma educação alinhada às demandas da sociedade do século XXI.

METODOLOGIAS ATIVAS COMO OPERACIONALIZAÇÃO DA FILOSOFIA DE DEWEY

As metodologias ativas surgem como práticas pedagógicas que concretizam, no contexto contemporâneo, os princípios defendidos por John Dewey. O filósofo já afirmava que “a educação deve ser um processo de vida e não uma preparação para a vida futura” (Dewey, 1916, p. 51), destacando a importância da participação ativa do estudante na construção do conhecimento.

Moran (2015) retoma essa perspectiva ao afirmar que “as metodologias ativas propõem que o aluno participe de forma intensa e reflexiva da construção do conhecimento, integrando presencial e digital” (Moran, 2015, p. 23). Essa integração entre diferentes ambientes de aprendizagem dialoga diretamente com a ideia de Dewey de que a experiência deve ser o eixo da educação.

Vasconcellos (2002) também reforça essa aproximação ao defender um currículo participativo e contextualizado, em que os estudantes assumem papel ativo na definição dos conteúdos e das práticas pedagógicas. Para o autor, “o currículo deve ser construído coletivamente, de modo a refletir as necessidades e interesses dos sujeitos envolvidos” (Vasconcellos, 2002, p. 47).

Essa visão complementa Dewey, ao enfatizar que a educação deve estar conectada às experiências reais dos alunos e às demandas sociais.

Autores como Bacich e Moran (2018) ampliam essa discussão ao destacar que as metodologias ativas “transformam o papel do professor em mediador e facilitador,

enquanto o aluno assume a responsabilidade pelo seu processo de aprendizagem” (Bacich; Moran, 2018, p. 15). Essa mudança de paradigma pedagógico está em consonância com Dewey, que defendia a escola como espaço de prática democrática e de formação cidadã.

PROTAGONISMO DO ESTUDANTE E APRENDIZAGEM COLABORATIVA

O protagonismo do estudante é um dos pilares das metodologias ativas e encontra respaldo direto no pensamento de Dewey. Para o filósofo, “a educação deve ser organizada de modo a permitir que o estudante participe ativamente da construção de sua própria experiência” (Dewey, 1938, p. 27).

Essa concepção é retomada por Moran (2015), que afirma que “o aluno aprende melhor quando é protagonista, quando se envolve em atividades que exigem reflexão, tomada de decisão e colaboração” (Moran, 2015, p. 31). A aprendizagem colaborativa, nesse sentido, reforça a dimensão democrática da educação, estimulando cooperação, diálogo e construção coletiva de sentido.

Apple e Beane (1997), ao discutirem a escola democrática, também se aproximam de Dewey ao defender que “os estudantes devem participar de decisões significativas sobre sua aprendizagem e sobre a vida escolar” (Apple; Beane, 1997, p. 12). Essa perspectiva reforça que o protagonismo estudantil não é apenas uma estratégia pedagógica, mas um princípio democrático que sustenta a formação cidadã crítica.

Portanto, o protagonismo do estudante e a aprendizagem colaborativa não apenas atualizam os princípios de Dewey, mas também respondem às demandas contemporâneas da educação, especialmente diante dos desafios impostos pela cultura digital e pela modernidade líquida.

NATIVOS DIGITAIS E OS DESAFIOS GERACIONAIS DA EDUCAÇÃO NA ERA DIGITAL

As transformações tecnológicas ocorridas nas últimas décadas modificaram profundamente as formas de comunicação, interação social e construção do

conhecimento, impactando diretamente os processos educacionais. Nesse cenário, emerge a discussão sobre os nativos digitais, conceito que se refere às gerações que cresceram em ambientes permeados pelas tecnologias digitais e desenvolvem novas formas de aprender, acessar informações e se relacionar com o mundo. Tais mudanças impõem desafios significativos às instituições de ensino e aos educadores, exigindo a revisão de práticas pedagógicas tradicionais e a incorporação de metodologias mais interativas e participativas.

Este capítulo analisa as características das gerações digitais e os principais desafios da educação na era tecnológica, destacando a necessidade de uma formação crítica, ética e humanizada diante das novas demandas da sociedade contemporânea.

CARACTERIZAÇÃO DOS NATIVOS DIGITAIS

Marc Prensky (2001) cunhou o termo “nativos digitais” para designar a geração que cresceu em meio às tecnologias digitais e que apresenta novas formas de interação com o conhecimento. Segundo o autor, “os estudantes de hoje não são mais as pessoas para as quais nosso sistema educacional foi projetado” (Prensky, 2001, p. 1). Essa geração é caracterizada pela fluência tecnológica, pela rapidez na comunicação e pela constante conectividade.

Quando falamos de nativos digitais, estamos tratando em termos geracionais e, e nesse estudo, especificamente da geração Alpha que são os nascidos a partir de 2010 e consiste no maior público de alunos na educação básica atualmente. De acordo com Prensky (2001) apud Novaes (2018) “as crianças de hoje nascem em um mundo caracterizado pelas tecnologias e mídias digitais e teriam, portanto, seu perfil cognitivo (de aprendizado) alterado” (Novaes, 2018, p. 7).

Autores como Tapscott (2009) reforçam essa caracterização ao afirmar que “os jovens da geração digital pensam e processam informações de maneira fundamentalmente diferente das gerações anteriores” (Tapscott, 2009, p. 20). Essa constatação evidencia a necessidade de repensar práticas pedagógicas para atender às especificidades cognitivas e culturais dos nativos digitais.

Além disso, para o sucesso da aprendizagem, é fundamental que o ensino contemple características sociais e culturais dos alunos, a fim de que os recursos pedagógicos empregados de fato sejam efetivos, como salientado por Silva (2025),

Pensar nos alunos do ponto de vista geracional na atual realidade de ensino torna-se imprescindível para o sucesso da educação, pois de maneira específica, nos possibilita investigar e até mesmo compreender quais os principais desafios enfrentados no processo de avaliação dos alunos nativos digitais (Silva; Poletto, 2025, p. 122).

Dessa forma, evidencia-se que os desafios geracionais oriundos de alunos digitais exigem que as práticas pedagógicas ofereçam resposta atuais e estratégicas com o objetivo de uma educação não apenas mais contextualizada, mas que seja repleta de sentido, que seja significativa para seu público-alvo e, nesse sentido, a perspectiva de Dewey surge como fundamento teórico capaz de transformar a realidade e superar desafios na sala de aula.

IMPACTOS DA MODERNIDADE LÍQUIDA

Zygmunt Bauman descreve a modernidade líquida como um contexto marcado pela fluidez, pela instabilidade e pela fragmentação das relações sociais. Para o autor, “na modernidade líquida, as certezas se evaporam e as estruturas sociais tornam-se frágeis” (Bauman, 2000, p. 8).

No campo educacional, essa fluidez se traduz em desafios como a dificuldade de manter a atenção, a superficialidade das aprendizagens e a necessidade de desenvolver competências críticas para lidar com a avalanche informacional. Como observa o autor, “a educação deve preparar os indivíduos para viver em um mundo em constante mudança, em que nada parece durar” (Bauman, 2005, p. 18).

Essa perspectiva dialoga com Dewey, que já defendia a educação como processo contínuo de reconstrução da experiência. Em um contexto líquido, a proposta de Dewey de uma aprendizagem baseada na experiência e na participação ativa torna-se ainda mais relevante, pois oferece ferramentas para enfrentar a instabilidade e a fragmentação contemporâneas.

TENSÕES ENTRE PRÁTICAS TRADICIONAIS E DEMANDAS DIGITAIS

A presença dos nativos digitais na escola evidencia tensões entre práticas pedagógicas tradicionais e as demandas de uma geração habituada à interatividade e à velocidade da informação. Enquanto o modelo tradicional privilegia a transmissão de conteúdos de forma linear e hierárquica, os nativos digitais esperam interatividade, colaboração e uso de tecnologias.

Prensky alerta que “quando os professores não utilizam a linguagem digital dos estudantes, correm o risco de perder sua atenção e engajamento” (Prensky, 2001, p. 4). Nesse cenário, torna-se urgente adotar metodologias que transformem a familiaridade tecnológica em aprendizagens significativas.

Autores como Kenski (2007) reforçam essa necessidade ao afirmar que “a escola precisa incorporar as tecnologias digitais não apenas como ferramentas, mas como elementos estruturantes de novas formas de ensinar e aprender” (Kenski, 2007, p. 56). Essa visão complementa Dewey, ao destacar que a educação deve estar conectada às experiências reais dos estudantes e às demandas da sociedade contemporânea.

CONTRIBUIÇÕES CRÍTICAS E SOCIAIS PARA A EDUCAÇÃO: FREIRE, VYGOTSKY E HABERMAS EM DIÁLOGO COM DEWEY

A compreensão dos desafios educacionais contemporâneos exige o diálogo entre diferentes correntes teóricas que, embora desenvolvidas em contextos históricos distintos, compartilham o compromisso com uma educação democrática, emancipatória e socialmente transformadora. Nesse sentido, as contribuições de Paulo Freire, Lev Vygotsky e Jürgen Habermas ampliam e aprofundam diversos pressupostos filosóficos presentes na obra de John Dewey, especialmente aqueles relacionados à participação, ao diálogo, à construção coletiva do conhecimento e à formação crítica dos sujeitos.

Este capítulo examina as convergências e especificidades desses pensadores, evidenciando como suas perspectivas se complementam na defesa de uma educação fundamentada na autonomia, na interação social, na comunicação e na cidadania,

oferecendo importantes referenciais teóricos para a prática pedagógica na sociedade contemporânea.

EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE

Paulo Freire (1968) amplia a perspectiva democrática de Dewey ao enfatizar a educação como prática de liberdade. Para o autor, “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1968, p. 79). A educação, portanto, deve promover conscientização crítica e emancipação, permitindo que os sujeitos compreendam e transformem a realidade.

Enquanto Dewey defendia a escola como espaço de prática democrática, Freire acrescenta a dimensão da conscientização, que implica desenvolver nos estudantes a capacidade de perceber as contradições sociais e agir para superá-las.

Como observa Gadotti (1996), “Freire retoma Dewey ao colocar a experiência e o diálogo como centrais, mas radicaliza ao propor uma educação voltada para a libertação dos oprimidos” (Gadotti, 1996, p. 34). Assim, a prática de liberdade em Freire dialoga com Dewey, mas avança para uma perspectiva crítica e transformadora.

MEDIAÇÃO SOCIAL E CULTURAL

Vygotsky contribui ao destacar o papel da interação social e das ferramentas culturais na aprendizagem. Para o autor, “o aprendizado desperta processos internos de desenvolvimento que só podem ocorrer quando o indivíduo interage com os outros” (Vygotsky, 1934, p. 102). Sua teoria da mediação reforça a ideia de que o conhecimento é construído coletivamente, em diálogo com o ambiente e com os outros.

Essa perspectiva aproxima-se de Dewey, que já defendia a experiência como eixo da educação e a escola como espaço de participação ativa. Vygotsky, ao enfatizar a importância das interações sociais e culturais, complementa Dewey ao oferecer uma base psicológica para compreender como o aprendizado se dá em contextos coletivos.

Daniels (2008) observa que “a teoria de Vygotsky sobre a mediação cultural fornece uma estrutura que atualiza a visão de Dewey sobre a aprendizagem como experiência social” (Daniels, 2008, p. 56). Assim, ambos convergem na defesa de uma educação que valoriza a interação, a colaboração e a construção compartilhada do conhecimento.

AÇÃO COMUNICATIVA E CONSTRUÇÃO COLETIVA DE SENTIDO

Jürgen Habermas em sua obra Teoria do Agir Comunicativo, acrescenta à discussão educacional a dimensão da ação comunicativa, defendendo que os processos de aprendizagem e socialização devem estar fundamentados no diálogo e na busca de entendimento mútuo. Para o autor, “a racionalidade comunicativa se realiza quando os participantes buscam entendimento mútuo e não apenas sucesso individual” (Habermas, 1981, p. 285).

Essa perspectiva amplia a visão de Dewey sobre a educação democrática. Enquanto Dewey concebia a escola como espaço de participação ativa e experiência compartilhada, Habermas enfatiza que o diálogo é condição para a construção coletiva de sentido e para a formação de sujeitos capazes de agir de forma crítica na sociedade.

Autores como Giroux (1997) reconhecem essa aproximação ao afirmar que “a pedagogia crítica, inspirada em Dewey e Habermas, deve promover espaços de comunicação em que os estudantes possam questionar, dialogar e reconstruir significados” (Giroux, 1997, p. 42). Nesse sentido, a ação comunicativa de Habermas complementa a filosofia de Dewey ao oferecer uma base teórica para compreender como o diálogo pode se tornar prática pedagógica emancipatória.

Em ambientes digitais e colaborativos, essa perspectiva torna-se ainda mais relevante. Como observa Silva (2010), “a educação mediada pelas tecnologias exige práticas comunicativas que favoreçam a cooperação e a construção coletiva de conhecimento” (Silva, 2010, p. 63).

Assim, a ação comunicativa proposta por Habermas dialoga diretamente com os desafios contemporâneos da educação, reforçando a necessidade de metodologias que estimulem a participação, a reflexão crítica e a construção compartilhada de sentido.

METODOLOGIAS ATIVAS COMO RESPOSTA PEDAGÓGICA

As constantes transformações tecnológicas, sociais e culturais do século XXI têm imposto novos desafios aos sistemas educacionais, exigindo práticas pedagógicas capazes de responder às necessidades de estudantes cada vez mais conectados, autônomos e inseridos em uma sociedade orientada pelo conhecimento. Nesse contexto, as metodologias ativas emergem como uma resposta pedagógica inovadora, ao promoverem a participação efetiva dos estudantes, a aprendizagem colaborativa, a resolução de problemas e o desenvolvimento do pensamento crítico. Fundamentadas em princípios que dialogam com a filosofia educacional de John Dewey, essas metodologias valorizam a experiência, a investigação e o protagonismo discente como elementos centrais do processo de ensino e aprendizagem.

Este capítulo analisa como as metodologias ativas contribuem para a construção de uma educação mais democrática, significativa e alinhada às demandas da era digital, fortalecendo a formação integral dos sujeitos e a inovação das práticas educativas.

Os fundamentos filosóficos de John Dewey permanecem atuais e oferecem bases sólidas para enfrentar os desafios da educação na era digital. Sua defesa da experiência, da democracia e da participação ativa continua sendo referência para práticas pedagógicas inovadoras. Como observa Biesta (2013), “Dewey nos lembra que a educação é sempre uma prática social e comunicativa, que deve ser constantemente reconstruída” (Biesta, 2013, p. 25).

Nesse sentido, a filosofia de Dewey fornece um horizonte teórico para compreender como a escola pode se adaptar às demandas dos nativos digitais e às transformações da modernidade líquida, sem perder de vista sua função democrática e formadora de cidadãos críticos.

As metodologias ativas, fundamentadas em Dewey e ampliadas por autores contemporâneos, constituem resposta pedagógica às demandas dos nativos digitais.

Essa convergência teórica indica que a educação na era digital deve ser, ao mesmo tempo, experiencial, democrática e crítica. Como observa Giroux (1997), “a pedagogia crítica deve criar espaços de comunicação em que os estudantes possam questionar, dialogar e reconstruir significados” (Giroux, 1997, p. 42).

Essa articulação entre fundamentos filosóficos e metodologias ativas aponta para uma educação democrática capaz de integrar inovação tecnológica, reflexão crítica e participação social.

Assim, a formação cidadã na era digital exige práticas pedagógicas que transformem a tecnologia em instrumento de emancipação, promovendo sujeitos capazes de atuar criticamente em uma sociedade marcada pela complexidade e pela fluidez da modernidade líquida.

Portanto, as metodologias ativas não apenas atualizam os princípios de Dewey, mas também oferecem caminhos concretos para enfrentar os desafios contemporâneos da educação.

E em si tratando do aspecto geracional pensando nos alunos da geração Alpha, Segundo Indalécio e Campos (2016 p. 40), “para Cada homem, cada existência, se forma e se afirmar em contato com as existências que os cercam, sejam materiais ou humanas, e estas se constituem como um emaranhado no conjunto de relações sociais ao qual o homem participa”. Essa constatação, certamente, evidencia a necessidade de um olhar diferente na prática pedagógica relativas aos alunos nativos digitais.

Como afirmam ainda Indalécio e Campos (2016 p. 64),

pensar uma escola no século xxi significa obrigatoriamente pensar nas características e peculiaridades do educando do século xxi, exatamente aquele a quem a escola se presta. de tal modo, ignorar este contexto é tender ao fracasso nas ações empreendidas em prol do ato educativo em consonância com o diálogo que os nativos digitais mantêm com os recursos informacionais ao qual tem acesso.

Assim sendo, é impossível ignorar as características sejam sociais, culturais ou tecnológicas das gerações Z e Alpha, se um professor ou escola assim o fizer, estão

fadados ao fracasso, pois as demandas pedagógicas, sobretudo nessa década mais recente do século XXI são completamente diferentes em vários sentidos, principalmente no aspecto cognitivo e pedagógico dessas gerações que são tecnológicas por excelência.

Por isso mesmo é que com base no que já foi discutido, dentre os recursos pedagógicos e didáticos utilizados no processo de ensino e avaliação, devem ser acrescidos e associados os recursos tecnológicos de maneira estratégica, pois isso torna o ensino mais relevante e pertinente do ponto de vista geracional.

Segundo Santos (2025, p. 9), “As tecnologias digitais têm o potencial de criar ambientes de aprendizagem dinâmicos e personalizados, proporcionando aos alunos uma educação interativa e envolvente”. Pretto (2013 apud Santos, 2025), também reforça a necessidade de repensar as práticas pedagógicas frente à evolução das tecnologias.

Contudo, nos advertem Indalécio e Campos (2016 p. 56) que “Os recursos tecnológicos devem ser reconhecidos como ferramentas aprimoradas para o ato educativo que atendem necessidades específicas de um recente paradigma geracional, e não instrumentos com fins em si.” E isso chama a atenção para o fato de que a tecnologia não é o fim, mas o meio, o recurso em favor de potencializar o processo de aprendizagem e por isso mesmo deve ser usada estrategicamente. Para os autores, as novas tecnologias contribuirão para a construção do conhecimento entre professor e aluno.

Para Santos (2025, p. 10), “alunos nativos digitais apresentam habilidades técnicas que os tornam conectados, mas, ao mesmo tempo, enfrentam dificuldades em termos de reflexão crítica e profundidade na aprendizagem”. Por esse motivo, adverte que ao repensar sua prática pedagógica, professores devem buscar o equilíbrio no uso das tecnologias como recurso pedagógico, sendo mediador entre a tecnologia e o aluno na sala de aula de modo a provoca-lo à reflexão e ao conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa bibliográfica permitiu compreender como os fundamentos filosóficos de John Dewey permanecem atuais e oferecem bases sólidas para enfrentar os desafios da educação na era digital. Sua defesa da experiência como eixo da

aprendizagem, da democracia como modo de vida e da participação ativa como princípio pedagógico revela-se essencial para pensar práticas educativas que respondam às demandas contemporâneas.

As metodologias ativas, ao operacionalizarem a filosofia de Dewey, constituem resposta pedagógica concreta às exigências da sociedade digital. Moran (2015) e Vasconcellos (2002) demonstram que a integração entre presencial e digital, aliada a um currículo participativo e contextualizado, possibilita transformar a fluência tecnológica dos nativos digitais em aprendizagens significativas. Nesse sentido, a escola deixa de ser espaço de mera transmissão de conteúdos e passa a ser ambiente de construção colaborativa de conhecimento.

A análise dos nativos digitais (Prensky, 2001; Tapscott, 2009) e da modernidade líquida (Bauman, 2000; 2005) evidenciou tensões entre práticas tradicionais e demandas digitais. Essas tensões reforçam a necessidade de metodologias que articulem inovação tecnológica e reflexão crítica, evitando tanto a superficialidade das aprendizagens quanto o uso instrumental das tecnologias.

O diálogo com autores críticos como Freire, Vygotsky e Habermas ampliou a compreensão da educação democrática. Freire (1968) destacou a educação como prática de liberdade e conscientização crítica; Vygotsky (1934) evidenciou a mediação social e cultural como base da aprendizagem; e Habermas (1981) acrescentou a ação comunicativa como condição para a construção coletiva de sentido. Todos convergem com Dewey ao defender uma educação participativa, democrática e transformadora.

Diante disso, conclui-se que a educação democrática na era digital deve integrar três dimensões fundamentais:

Experiência como eixo da aprendizagem (Dewey), metodologias ativas como resposta pedagógica às demandas e formação cidadã crítica como horizonte emancipatório. Essa tríade aponta para uma educação capaz de formar sujeitos críticos, participativos e engajados, preparados para atuar em uma sociedade marcada pela complexidade, pela fluidez e pela interatividade digital.

Por fim, reconhece-se que esta pesquisa, de caráter bibliográfico, não pretende esgotar o tema, mas oferecer uma reflexão teórica consistente que possa subsidiar práticas pedagógicas inovadoras. Como limitação, destaca-se a ausência de investigação empírica, o que abre espaço para futuras pesquisas que analisem, na prática escolar, como os princípios de Dewey e as metodologias ativas podem ser aplicados em contextos digitais e híbridos.

REFERÊNCIAS

- APPLE, M. W.; BEANE, J. A. **Escolas democráticas: lições da prática**. Buckingham: Open University Press, 1997.
- BACICH, L.; MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BIESTA, G. **O belo risco da educação**. Boulder: Paradigm Publishers, 2013.
- DANIELS, H. **Vygotsky e a pesquisa**. Londres: Routledge, 2008.
- DEWEY, J. **Democracia e educação: uma introdução à filosofia da educação**. Nova Iorque: Macmillan, 1916.
- DEWEY, J. **Experiência e educação**. Nova Iorque: Macmillan, 1938.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- GADOTTI, M. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1996.
- GIROUX, H. A. **Pedagogia crítica e política cultural**. São Paulo: Cortez, 1997.
- HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo**. Vol. 1. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2007.
- MORAN, J. M. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais significativa**. In: BACICH, L.; MORAN, J. (org.). *Metodologias ativas para uma educação inovadora*. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 15-34.
- PRENSKY, M. **Nativos digitais, imigrantes digitais**. On the Horizon, v. 9, n. 5, p. 1-6, 2001.
- SACRISTÁN, J. G. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SILVA, M. **Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa**. São Paulo: Loyola, 2010.

SILVA, V. L. D.; POLLETO, L. **Desafios do processo de avaliação na educação básica no contexto geracional de alunos nativos digitais.** In: Avaliação em foco: formação docente, inclusão e transformação educacional. Goiânia: Instituto Dering Educacional, 2025.

TAPSCOTT, D. **Crescendo digital:** como a geração da internet está mudando o mundo. Nova Iorque: McGraw-Hill, 2009.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento:** projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico. São Paulo: Libertad, 2002.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1934.

Submissão: junho de 2026. Aceite: julho de 2026. Publicação: setembro de 2026.